



**Illustração Portuguesa**  
SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

## SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por C. D.—*Noticias de Penella*, por Pinheiro Chagas.—*Tibi, versos*, por Alves Crespo.—*Das pequenas nacionalidades europeas*, (continuação), por Alberto Pimentel.—*A sociedade de S. Petersburgo*, pelo Conde Paulo de Vasili.—*Os excêntricos do meu tempo*, por L. A. Palmeirim.—*As nossas gravuras*.—*Em familia (Passatempos)*.—*A riv.*—*Um conselho por semana*.—*Os saltimbancos*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*O explorador francez, Paul Soleillet*.—*Tumulo dos bombeiros de Lisboa*.—*Na maceira em flor*.—*Sacerdotes luddhistas do culto indico*.—*Uma vista d'Arkhangel*.

## CHRONICA

Minha querida leitora:—Se bem me lembra, já aqui te disseram que as noites são muito maiores. Effectivamente, são; e os dias muito mais pequenos. Toma nota d'este segundo facto, se o não observaste ainda, enlevada como andas na contemplação do largo oceano, sobre a areia movediça e branca da praia de Cascaes.

Que eu não sei ao certo se tu te enlevas na contemplação demorada do mar, ou se passas a vida a ingerir mariscos, aquelles mariscos deliciosos que cõam ardencias, que dão irritações estranhas, e que fazem incendios interiores mais ateados ainda pelo banho matutino, no dizer d'um chronista



O EXPLORADOR FRANCEZ, PAUL SOLEILLET

do *Diario Illustrado*, muito amante de lulas de caldeirada e de *mayonnaise* de lagosta.

Lêste, sem duvida, o que elle escreveu de Cascaes na terceira pagina do numero de sabbado. Coisas extraordinarias!

«Cintra é uma vasta alcova umbrosa,—diz o chronista—mas isto aqui é outra coisa, é um forte aphrodisiaco. Respira-se por cá, a plenos pulmões, o sal marinho e o iodo. Uma vida exuberante fermenta dentro de nós.

«Oh! como me sinto outro! Como dentro d'esta concha azul de Tritões, beijo fervidamente... com a vontade, as robustas Nereidas, que se banham, roçando-nos. Lateja em nós uma vida desusada; o defunto Lazaro dos bailes do inverno, sepultado na sua enervante anemia, resurge, rejuvenescido pelas aguas do mar e pelos rebates sensuaes do amor.

«Um paiol é muito menos combustivel do que um banhista de Cascaes revigorado pela acção triplice do ar, do oceano e dos mariscos...»

Lêste? Zola puro, sem confeição, e com lulas ainda por cima.

Depois d'isto, estou a ver que os mariscos subiram espantosamente de preço n'essa praia povoada pela côrte, e que todos ahi, sem distincção de edades nem de sexos, pedem mexilhões ao cosinheiro, para sentirem os rebates sensuaes do amor, para se tornarem mais combustiveis que um barril de dynamite.

Aposto que a loira M., aquella dodivanas tão requestada nos *five ó clock tea* da C. de P... faz um consumo prodigioso d'aphrodisiacos!

E a morena L..., d'olhos avelludados e scismadores? Parece que a estou ouvindo:—«Hoje, lagosta para o jantar, mamã. Quero sentir uma irritação estranha. Diz o *Illustrado* que produz incendios interiores.»

Talvez tu mesma, levada d'esse prurido de sensações novas, não possas resistir á tentação, e procures conhecer as delicias descriptas por aquelle brejeirinho das praias no seu estylo zolaliano. Vê lá, querida leitora; toma tento, e antes de te incendiaries com salada de camarões, indaga se por ahi ha bombeiros voluntarios...

Pois são muito mais pequenos os dias; mais pequenos e incomparavelmente mais tristes que os d'agosto. Cahiram já as primeiras chuvas outoniças, e o sol, enfaixado nas suas flannels de meia estação, teima em não querer pôr scintillações fortes e alegres no *beton* da Avenida deserta.

Se tu não vens d'ahi, trazendo contigo o exercito das banhistas elegantes, que se enregelam por doido capricho na atmospheria humida das estações balneares, Lisboa não despertará mais da sua catalepsia profunda e acabará por morrer de inanição, quando não morra envenenada pelos refrigerantes da firma Estacio & C.<sup>a</sup>.

Embalde os theatros menos retardatarios abriram as suas portas, minha querida, e as emprezas procuram aguçar a nossa curiosidade com a promessa de estreias successivas. Nem viv'alma corre ao reclamo; fica tudo a dormir de tedio, em casa, esperando que tu os desertes com o teu bom humor, com as tuas gargalhadas crystalinas e francas, com essa alegria communicativa e esses perfumes estonteadores que se evolvem dos teus labios sempre sorridentes.

Volta pois, e depressa, se não queres encontrar ao lado do cadaver do Antonio Luiz—a victima dos refrigerantes—o cadaver hediondo e negro da tua querida Lisboa, victima das saudades crueis que tu lhe provocas.

Tem compaixão da triste enferma, faze as malas, e vem, peço-te!

Se ao menos, por cá, as tropas da guarnição se mo-

vimentassem n'um pequeno *pronunciamento*, ainda que não fosse senão por brincadeira, para nos desenervar e divertir, como nas operas buffas...

Mas n'isso não caem elles. Teem medo do *Africa* e de S. Julião da Barra.

Mais feliz do que nós, a mana Hespanha teve o seu pronunciamentinho. De tempos a tempos deita cá para fóra aquillo, sem dôres, servindo-lhe de parteira o farçante do Ruiz Zorrilla.

D'esta vez deu á luz em Madrid, mas teve um mau successo, como tivera em Carthagená. O ventre revolucionario abortou, e das entranhas do colosso sahio um monstrosinho rachitico, um musaranho grotesco.

Conheces já, de certo, os pormenores d'aquelle acontecimento, que seria d'um comico adoravel, se não houvesse a lamentar a morte de dois militares illustres.

Tres ou quatro centenas de soldados, illudidos pelas promessas de tres ou quatro officiaes aventureiros, e confiantes em que toda a guarnição de Madrid estaria com elles, sahem do quartel de S. Gil e percorrem varias ruas da capital, soltando vivas á Republica. Na Puerta del Sol olham para traz, encontram-se sósinhos, e os vivas convertem-se em pragas violentas. Vão aos Docks, procuram commover a artilheria, e a artilheria moita. Pedem ao povinho que os ajude a derribar Affonso XIII, e o povinho... *caracoles*. Rogam, supplicam, peroram, e nada; não ha lamentações que sirvam, nem *carambas* que valham.

N'este comenos, caem-lhes em cima as tropas do Pavia, e cada qual trata de fugir para seu lado, a bom fugir, batendo com os calcanhares n'aquelle sitio do corpo que Deus outhorgou á humanidade quando lhe deu o medo.

Uns, são caçados pelos husares da Princeza, como animaes ferozes; outros, veem entregar-se ás forças leaes, esbofados e semi-mortos de fome. Na refrega, caem, varados pelas balas dos insensatos, um brigadeiro e um coronel. Foi a nota final e verdadeiramente tragica da sedição madrilená do dia 19.

Amanhã, depois d'um processo summario, Pavia mandará fusilar, em Alcalá, os revoltosos inconscientes de Albuera e Garellano, e Zorrilla—o arrematante relapso dos pronunciamentos de Hespanha,—esfregará as mãos como Pilatos, fóra da accção das carabinas que hão de dar a morte aos miseros instrumentos da sua politica ambiciosa e irrequieta.

Um detalhe curioso:

Quando na Granja foi recebida, pela rainha regente, a primeira noticia da malograda revolta, el-rei, aquelle pequenino monarcha de seis mezes *y pico*, filho posthumo d'Affonso XII, acabava de fazer o seu primeiro somno, abria os olhos muito espantadinhos e cravava-os no rosto angustiado da Mãe, sorrindo-lhe com o mais feiticeiro e dulcissimo dos sorrisos, como quem quer dizer:—«não te assustes, que aquillo não vale nada!»

E Maria Christina, a desolada e misera viuva, não se assustou, com effeito. Sempre varonil e sempre valorosa, partio-se da Granja para Madrid, a affrontar de perto o clamor da revolta. Avigorou-a—quem sabe—o sorriso angelico do filho, d'aquelle pequenino rei de seis mezes *y pico*, filho posthumo do seu Affonso bem amado.

E a proposito de rei, vou esperar o nosso, que volta da viagem longa fortalecido, sem duvida, pelas brisas do mar—o seu encanto supremo—e pela ausencia prolongada do throno—o seu *cauchemar* constante.

Já pelas ruas da baixa se canta o «Rei chegou». E' elle que regressa, trazendo talvez no bolso o retrato d'uma princeza gentil—a futura esposa do infante D. Affonso. Vou ver as festas, e peza-me vel-as sem ti, boa e querida leitora!

C. D

## NOTÍCIAS DE PENELLA

Quando tratámos da ilha Graciosa, promettemos dar conta de todas as monographias que se forem publicando ácerca de diversas localidades do nosso paiz, porque entendiamos que essas monographias constituíam os diversos capitulos da nossa historia. E' só depois de se estudarem largamente n'essas paginas soltas os usos, os costumes de cada terra, os factos alli occorridos, o modo como alli se manifestaram as grandes convulsões que abalaram o solo da patria, só então é que se podem determinar as leis geraes que regulam a marcha dos acontecimentos, as que presidiram ás grandes evoluções historicas, e as revoluções que perturbam o seu andamento regular. Fabricar theorias sem conhecer a multidão de pequenos factos de que se compõe um grande facto social, é transportar para o dominio da historia as phantasias do romance, é formular principios que a cada instante se encontram em aberta contradicção como a realidade.

Liamos hoje mesmo n'uma revista scientifica de um jornal francez a observação de que só agora se podiam estudar bem as leis que presidem aos terremotos, porque só agora é que o telegrapho transmite instantaneamente aos estudiosos a noticia dos cataclysmos, que ao mesmo tempo convulsiona os pontos mais distantes do globo, de forma que assim se percebiam bem as relações que esses phenomenos isolados tinham uns com os outros, e se podia caminhar para a descoberta da lei que os rege.

O mesmo dizemos da historia. As suas grandes leis só podem estudar-se e comprehender-se quando reconhecemos a identidade dos factos, que ao mesmo tempo occorrem nos sitios mais affastados de um mesmo paiz. D'esses factos dão-nos noticia as monographias que os estudiosos de differentes concelhos consagram á sua terra, da aggregação d'esses factos se depreheende a lei geral que os determina, e um grande movimento social só se comprehende bem quando vemos o modo como elle se apresenta em diversos pontos. Bemvindas sejam pois estes monographias, que tanto poderão contribuir para esclarecer a historia do nosso paiz, ainda em tantos periodos obscura!

Debaixo d'esse ponto de vista, as *Noticias de Penella*, laboriosamente congregadas e habilmente compostas pelo sr. Delphim José de Oliveira, são um subsidio de primeira ordem, porque o sr. Delphim de Oliveira quasi que não faz senão exhumar do pó dos archivos os documentos do municipio de Penella, escolhendo-os com acerto e dispondo-os de forma que não ha um só que nos não abra uma janella, por onde vemos os pormenores e as peripicias d'essa tão curiosa vida intima dos nossos concelhos.

Vamos ao capitulo intitulado *açougue*, e ahi temos, n'um documento que João da Costa Barbosa «se obrigou, em auto da camara, de 27 de abril de 1640, a mandar matar no açougue da mesma villa dois bois cada sabbado, e ás terças-feiras um boi ou vacca ou dez capados, ou carneiros, com pena, faltando com alguma das ditas rezes, de quinhentos réis para o concelho; dando o arratel de boi ou vacca por doze réis, entrando n'ella o real d'agua de Sua Magestade que elle se obrigou a pagar, e se obrigou mais a mandar dar carne de carneiro no açougue por occasião das vindas do ouvidor da correição e do provedor da comarca, a quatorze réis o arratel.»

Doze réis o arratel de vacca! Porque não tomam esse exemplo historico os marchantes do nosso tempo?

Tambem em 1640 ainda era mais caro o carneiro do que a vacca, e portanto continuou a succeder o facto do que, no seculo anterior, Camões se queixou quando dizia:

Eu já vi a taverneiro  
Vender vacca por carneiro,  
Mas dar vacca por gallinha  
Nunca vi, por vida minha,  
Senão ao duque de Aveiro.

Nos capitulos relativos aos duques de Aveiro, senhores de Penella, encontram-se curiosissimas noticias ácerca das relações entre os donatarios e os povos, e percebe-se o immenso serviço que o marquez de Pombal prestou á liberdade futura, quebrando com a sua mão de ferro essas pequenas realezas, que eram mais conhecidas pelo povo do que a verdadeira realza que estavam longe d'elles para que a podessem bem comprehender. Assim, ainda a 23 de outubro de 1755 a camara de Penella decidio que se povessem luminarias por ter D. José Mascarenhas communicado que El-Rei o agraciára com o titulo de duque de Aveiro, com pena de quem faltar pagar dez tostões de cadeia.

Modo simplicissimo de manifestar regozijo publico e que muito recommendamos aos governantes de agora.

A 9 de março de 1641 a duqueza de Torres-Novas, mãe do duque de Aveiro de então, annunciou que ia a Penella, e que estavam em Tancos as suas bagagens á espera de que fossem carros buscal-as. Immediatamente a camara ordenou que se satisfizesse a requisição, com penas para quem se não mostrasse diligente. N'essa mesma occasião pediram á duqueza, tutor a de seu filho, que abolisse o real d'agua que encarecia a carne. Com as suas

modernas idéas de centralisação, mal podemos comprehender que um Estado subsistisse e fosse compativel com a existencia d'essas pequenas tyrannias.

Mas temos agora a magna questão das ladainhas, que trouxe por muito tempo divididos e accesos os animos em Penella. Era uma questão semelhante á do hyssope em Elvas, á das congregações dos frades em Lisboa por causa das precedencias na procissão do Corpo de Deus, e á de mil outras insignificancias de que todos nos rimos quando o caso se não passa comnosco. Porque afinal de contas, todas estas questiunculadas não são mais do que as multiplas e variadas formulas de um pensamento que todos têm, e que a todos interessa profundamente. Este pensamento é o seguinte: *Não quero ser desconsiderado.*

Em se entendendo que um dado facto, por mais insignificante que seja, traduz uma desconsideração, ahi temos todos inflamados. E o que têm graça é que o diplomata que esteve quasi lançando o seu paiz n'uma guerra porque o sentaram n'um jantar á esquerda de uma rainha, em vez de o sentarem á direita, ri-se com vontade do deão d'Elvas, que não queria ser obrigado a apresentar o hyssope ao bispo. E o burguez, que todo se abespinha se o não deixam entrar na sachristia apesar de ir de capa em dia de festa de igreja, ri-se do diplomata que se zangou por não ficar á meza no logar que lhe competia, e assim successivamente. Quer isto dizer que todos se riem das insignificancias em que os outros vêem graves desconsiderações, mas todos lá têm umas insignificancias particulares, que são para elles desconsiderações gravissimas.

Vamos porem á historia das ladainhas.

Ha em Penella duas freguezias—S. Miguel e Santa Euphemia. Da igreja de Santa Eufemia saía a procissão das ladainhas, em que ia a camara encorporada, e o prior de S. Miguel vinha de lá, da sua igreja, de cruz alçada, encorporar-se tambem na procissão que saía da outra igreja parochial. Houve porém um dia um prior de S. Miguel, que entendeu que era isso uma *desconsideração*, e não se foi encorporar á procissão das ladainhas, mas fez outra por sua conta, e o caso é que tanta gente apanhou para a sua festa, que n'um bello dia do anno de 1734 a camara de Penella reparou, com despeito, que apenas umas duas duzias dos seus muncipes se encontravam com os vereadores na procissão de Santa Euphemia. Achou o caso esquisito, e, recorrendo aos meios suavorios de que depois lançou mão, tambem, para fazer com que Penella festejasse, illuminando-se, a elevação a duque de Aveiro de D. José Mascarenhas, declarou que fulminaria com graves penas todo aquelle que não comparecesse na procissão de Santa Euphemia.

Mas, por outro lado, o prior de S. Miguel, que tinha permissoão do vigario capitular, para tambem fazer procissão de ladainhas, ameaçava com penas ecclesiasticas os que lá não fossem, e o pobre povo de Penella, como o asno de Buridan entre os dois molhos de cevada, não sabia já para que ladainha se havia de voltar.

«Esta desordem, dizia lachrymosamente a camara de Penella n'uma representação que dirigio a el-rei D. João V a 4 de junho de 1734, causou notavel escandalo aos moradores d'esta villa e seu termo e circumvisinhas; e o que d'aquí resulta é que d'aquí em diante será o povo vexado, porque, quando faltar em assistir á ladainha que a camara acompanha, que sae da igreja de Santa Euphemia, o condemnará; o prior de S. Miguel, quando o povo lhe não assista á ladainha que faz na sua igreja, o condemnará tambem; e d'esta forma, vendo-se o povo vexado, poderá romper em algum excesso, e se perderá a devoção.»

Effectivamente o caso era intricado, e o pobre povo de Penella era preso por ter cão de Santa Euphemia, e preso por não ter o cão da mesma santa. D. João V não resolveu o caso, e parece que o povo, afinal, desistio de ir ás ladainhas, como se deduz do seguinte extracto da acta da sessão da camara, de 14 de maio de 1760, vinte e quatro annos depois: «Na dita houve por condemnadas todas as pessoas que faltaram ás ladainhas, em seiscentos réis cada uma, e nas custas.»

Como se não designa quaes foram as ladainhas a que o povo faltou, parece que a camara de Penella, no seu zelo catholico, já não fazia questão de orago, e só queria que se não perdesse a devoção, como a sua antecessora, vinte e quatro annos antes, com tanta sagacidade receiára.

Mas afinal a propria camara se vio entalada, porque sessenta annos depois, a 20 de agosto de 1820, quatro dias antes da revolução do Porto, uma provisão regia lhe ordenou que respondesse sobre uma accusação do prior de Santa Euphemia, que se queixava de que a camara não fosse já á igreja encorporar-se na procissão das ladainhas.

Apesar dos graves acontecimentos que n'esse meio tempo se passavam no reino, a provisão regia não ficou sem resposta, e a resposta era engraçadissima.

Dera-se o caso de ter havido na freguezia de S. Miguel um prior chamado Antonio Bernardo Tavares, homem rico e influente, que embirrou não só em manter a sua procissão privativa, mas em dar cabo da procissão rival, tirando-lhe a camara. Os vereadores viram-se em Pancas. Abandonar Santa Euphemia era vergonhoso, não fazer a vontade ao prior de S. Miguel era perigoso. De que se lembraram elles? Admirem a sabedoria d'estes

Salomões penellenses, que tomaram uma deliberação digna do sabio rei de Israel. Resolveram esperar na rua as procissões, e encorporar-se na primeira que apparecesse. Assim, a procissão das ladainhas transformou-se n'um *steeple-chase*. Tratava-se de ver qual das duas procissões apanhava a camara. Naturalmente as procissões saíam da igreja á desfilada, para apanhar os graves vereadores, que esperavam pacatamente a que ganhasse como premio a comparencia das suas pansudas pessoas.

E' muito provavel porém que d'este systema de procissões a passo gymnastico resultassem muitas vezes os seus cachações, e que frequentemente os de S. Miguel e os de Santa Euphemia apparecessem diante dos vereadores ao murro e ao bofetão. E' o que parece deduzir-se do facto, confessado pela camara, de se ter ella deixado de ir á procissão das ladainhas, incorrendo assim na famosa multa dos cincoenta réis com que a sua antecessora punira a parca devoção dos seus municipales. O que o tempo faz!

Parece que os acontecimentos politicos desviaram as attentões de Penella do caso grave das ladainhas, porque d'elle não tornam a apparecer vestigios, ou de taes vestigios nos não dá conta o erudito author das *Noticias de Penella*. E' provavel que effectivamente o caso fosse caindo no esquecimento. Pois esta famosa contenda das ladainhas, que devia dar logar a muitos episodios comicos, durára, que saibamos, pelo menos quasi um seculo!

PINHEIRO CHAGAS.

---

## TIBI

Como um casal de brancas rolas mansas,  
as nossas almas vão seguindo a par,  
por esse mar de céculas bonanças,  
por essa vastidão azul do ar.  
Gemeas d'um casto amor, fel-as juntar  
a luz serena, que do olhar tu lanças,  
e a rede escura das escuras tranças  
em que o meu ser se foi illaquear.  
A luz e a treva!... Dos fataes extremos  
—sempre tocando-se, amical contraste!  
fez-se o altar, em que um só culto temos  
a um mutuo affecto; e, por oblata, basta  
essa *alliança*, que d'amor tecemos,  
com as nossas almas no commum engaste.

ALVES CRESPO.

---

## DAS PEQUENAS NACIONALIDADES EUROPEAS

### VII

#### O Principado de Monaco

Vamos emprender um passeio delicioso muito conhecido dos felizes do mundo que em vez de viverem acorrentados ao sitio onde nasceram ou onde são obrigados a exercer a sua profissão, como acontece á maior parte da gente, podem fazer eleição dos logares que mais convidativas commodidades e attraentes regalos lhes proporcionam segundo as exigencias da estação.

Vamos a Nice, onde o inverno se passa alegremente, e onde bem poderia imaginar-se ter sido o paraizo terreal, pela suavidade da temperatura e belleza dos horisontes, se não fosse o sopro impertinente do nordeste, o *mistral*, que usa açoiar desapidadamente o Passeio dos Inglezes, levantando nuvens de pó.

Podémos seguir de Nice para Monaco por tres caminhos diferentes: o mar, a linha ferrea e a estrada terrestre.

A viagem por mar é realmente encantadora,—mas principalmente para os ricos, que possuem um d'esses bellos *yachts* de recreio, que em tamanho numero affluem habitualmente ás aguas de Nice.

A viagem em caminho de ferro é naturalmente mais rapida, mas como foi preciso abrir muitos *tunnels* para dar passagem á locomotiva, ganha-se em tempo o que se perde em panorama.

A viagem por terra é a mais demorada, mas, em compensação, é tambem aquella que maior numero de bellezas desenrola aos olhos dos *touristes*, sobretudo quando se entra no territorio do Principado, que se acha encravado no departamento dos Alpes Maritimos, medindo uma superficie de 21 kilometros quadrados, encorrendo uma população permanente de 10.000 habitantes, e comportando annualmente uma população fluctuante de 300.000 estrangeiros.

Não ha exaggero n'esta cifra. Para acceital-a sem sombra de duvida bastará lembrarmo-nos de que o Casino de Monaco é a grande *banca* da Europa, onde, sobretudo depois que em 1873 foi prohibido o jogo publico na Allemanha, é o ponto de reunião de

todos os jogadores que outr'ora se espalhavam por Baden, Wiesbaden, Spa, Hamburgo, Ems, etc.

A cidade de Monaco assenta pittorescamente sobre um rochedo, que na altura de sessenta metros avança sobre o Mediterraneo. Fica a 14 kilometros ao nordeste de Nice, por cuja entrada chegamos avistando á esquerda, ao entrarmos no territorio do Principado, o cemiterio publico, alvejante de mausoleos de marmore, sem que todavia o seu aspecto, n'aquella cidade que ri, seja dolorosamente funebre. A estrada encorpóra-se quasi sem darmos por isso no *boulevard* de Carlos III, ladeado de elegantes construcções de recente data. Depois passamos a Praça de Armas, visinha do soberbo rochedo em que o pa'acio principesco avulta com a sua graciosa architectura moirisca, as suas ameias denticuladas, dominando o porto onde baloicam sobre a onda azul dezenas de goletas empavesadas, que substituem as pequenas naus onde outr'ora os Grimaldi, senhores do Mediterraneo, arvoravam a bandeira gloriosa que conduzia aos combates hercicos.

Dizemos pequenas naus, porque o porto de Monaco, que tem uma superficie de cerca de vinte e cinco hectares, comquanto muito seguro, porque está ao abrigo dos ventos pelo relevo do terreno que o sobrancea, é todavia pouco profundo, não podendo por isso comportar embarcações de grande tonelagem.

Na direcção da cidade velha, e superiores a ella, destacam-se a Turbia e a Cabeça de Cão, offerecendo um aspecto pittoresco, ao passo que na extensão do littoral se estende a cidade nova, dividida em dois bairros distinctos, a Condamina, o bairro das familias, e Monte-Carlo, o bairro elegante, graças ás transformações materiaes realisadas por iniciativa do principe Carlos III. A Condamina, que ha apenas dezeseite ou dezoito annos não tinha mais do que as suas lorangeiras, as suas violetas, algumas casas e um modesto estabelecimento de banhos, é hoje uma pequena cidade, illuminada a gaz, com bellas ruas, deliciosas *villas* e magnificos *hoteis*. E o antigo estabelecimento de banhos é hoje um soberbo balneario, tendo annexa uma secção hydrotherapica de primeira ordem. O *boulevard* da Condamina costéa a bahia até á avenida de Monte-Carlo. O principe Carlos III sonhou um dia converter o planalto dos Spelugues n'um bairro novo, feerico, e conseguiu realizar o seu sonho, de que nasceu Monte-Carlo, que tomou o nome do principe. Sobe-se, é certo, para chegar a Monte-Carlo, mas a estrada é excellente, e o panorama, que domina o porto de Monaco, deslumbrante.

Em 1863 um homem de larga comprehensão industrial, mr. Blanc, secundou o pensamento do principe, semeou punhados de dinheiro sobre o planalto dos Spelugues, comprou a concessão da sociedade dos banhos de mar, fez construir entre jardins phantasticos o monumental edificio do Casino, com os seus vastos salões e theatros, cujo architecto fôra Garnier, e que em esplendor de ornamentação se aproxima da Opera de Paris. Ahi cantam, durante o inverno, artistas *hors ligne*, pagos por um preço fabuloso, e ahi *dilettanti* de todo o mundo realisam concertos classicos que fazem a admiração dos felizes que podem ouvil-os.

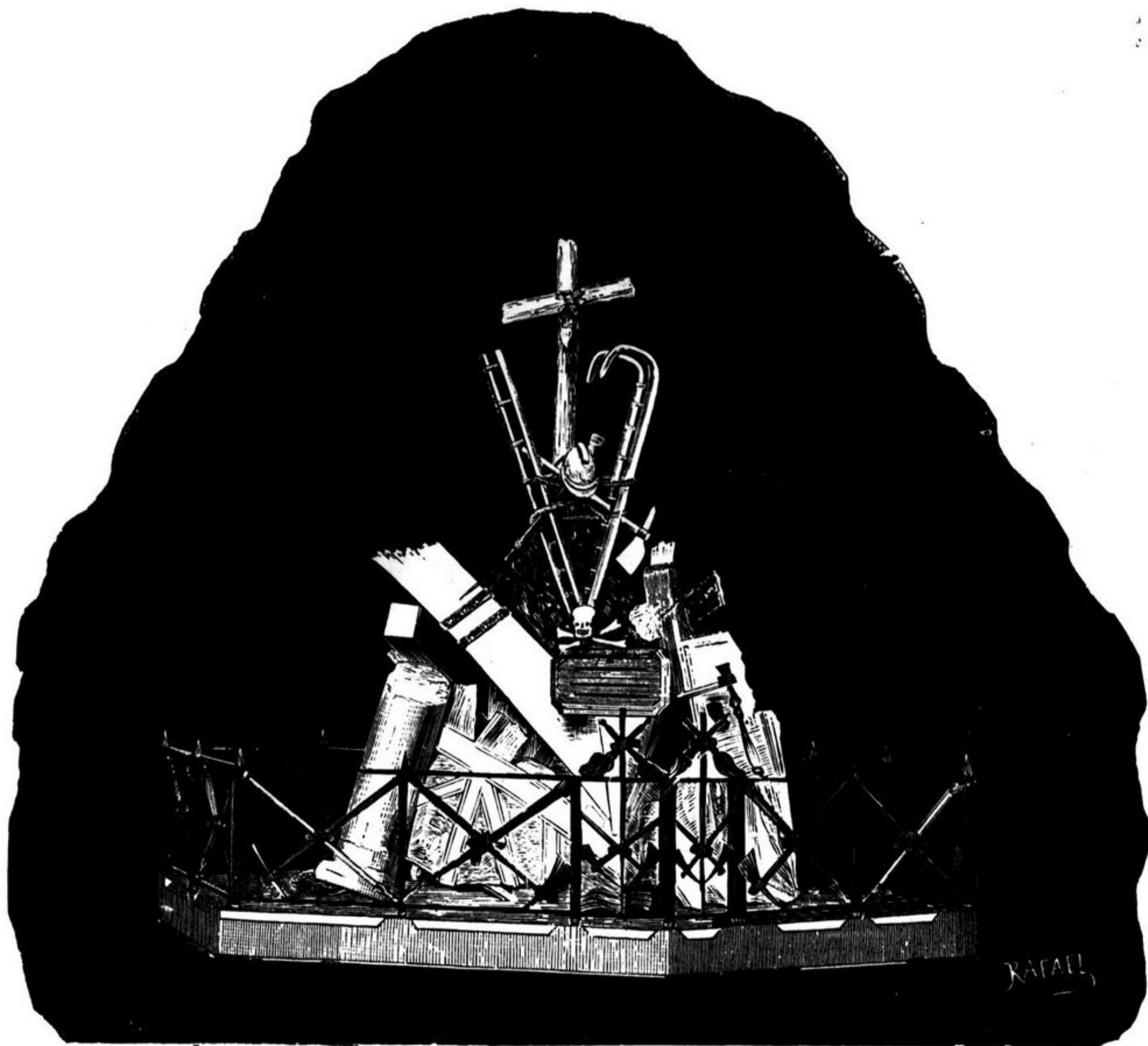
As elegantes cupulas do Casino apontam graciosamente para o ar, recortando o azul purissimo do ceu que cobre a bahia de Monaco. No interior do edificio, entre a sala de espectaculo e as salas de jogo, fica o grande vestibulo, o *atrium*, ornado com pinturas notaveis de Jundt. Dos jardins desce-se por escada de pedra para o *tiro aos pombos*, uma diversão muito predilecta do *sport* de Monaco.

E', pois, em Monte-Carlo que se acha installada a grande banca de jogo europeu, porque a verdade é que n'esta especie de divertimento não cedemos em febre aos povos civilizados da Asia. A prova está na numerosa e selecta concorrência que frequenta a banca de Monte-Carlo, e que ao seu entusiasmo pelo jogo só conhece os razoaveis limites que uma sabia organização do Casino, regulada pela legislação do paiz, lhe oppõe. Assim é que apenas se pode jogar até ás onze horas da noite, e 12.000 francos de cada vez. A fixação de um horario para a banca e do *maximum* da parada ao jogo são providente calmante para a excitação febril dos jogadores.

A prosperidade de Monaco, devida á receita do jogo, tem sido muitas vezes atacada, mas não é difficil defender a liberdade de jogar quando prudentemente regulada como no Principado, e quando, longe de aproveitar a poucos, aproveita a todo o paiz, porque, a 8 de fevereiro de 1869, o principe Carlos III pode, graças ao rendimento da banca de Monte-Carlo, abolir as contribuições directas.

Em Portugal, alguns capitalistas tiveram ha annos o pensamento de aproveitar as condições vantajosas da situação geographica de Lisboa, para estabelecerem em Cintra um Casino que opulentamente fariam rodear de todas as bellezas e regalos que o *touriste* podesse desejar. Teriam feito de Cintra o que o principe Carlos III e Blanc fizeram do planalto dos Spelugues, edificariam magnificos *hoteis*, sala para espectaculos e sala para concertos, e ligariam Cintra a Lisboa por uma linha ferrea, em que os comboyos se succederiam rapida e frequentemente.

Unicamente pediam que o governo portuguez lhes concedesse o monopolio do jogo, obrigando-se elles a pagar ao estado, todos os annos, uma verba que não posso agora fixar, mas que seria um elemento importantissimo de receita publica.



TUMULO DOS BOMBEIROS DE LISBOA

O governo teve duvidas em aceitar a proposta, foi certamente um pensamento patriótico o que inspirou a recusa. Receiou que uma tal empresa podesse comprometter o bom nome de Portugal, o que aliás não succedeu a Monaco, onde o jogo, longe de prejudicar os creditos do paiz, o tem tornado florescente. Estou capacitado de que o exercicio do jogo, que actualmente constitue um abuso tolerado, como principalmente acontece nas bancas e roletas das praias,—ha de ter a sua hora de liberdade, regulada por moderadas prescripções leaes, do mesmo modo que a teria nacional.

O jogo, que ali attrae o estrangeiro, constitue a grande receita de Monaco. Uma vez, um homem de espirito perguntava em Paris a um outro, que conhecia Monaco como os seus dedos, quaes eram os recursos do Principado, o que era que lá se cultivava. E a resposta que obteve foi esta: «Cultivam-se as laran-

geiras e os estrangeiros.» Esta *boutade* tem um grande fundo de verdade economica, comquanto Monaco não seja um paiz de madeiras, que se deitem a dormir á sombra da prosperidade que advém do jogo, porque no Principado florescem varias industrias locais, taes como a alta ceramica, notavel pela composição superior das pastas, pela elegancia das formas e pelo brilho e harmonia das côres: a perfumaria e distillação, cujos laboratorios são dirigidos por chimicos illustres e que lançam no mercado a mais fina essencia de flor de lorangeira e os mais aperfeiçoados extractos de violeta, jasmim, heliothropo, etc.; a marchetaria e marceneira, que produz preciosos moveis de oliveira,—da oliveira que é ainda uma das grandes riquezas do paiz, porque a sua madeira é largamente aproveitada pela industria, e o azeite de Monaco, muito apreciado em toda a Europa.

O spectaculo quotidiano de uma paixão violenta como é o

jogo não tem prejudicado a moralidade do Principado de Monaco. Os naturaes do paiz comprehenderam que a banca de Monte-Carlo só deve ter para elles o lado bom, o da receita publica, e que o lado mau pertence exclusivamente aos estrangeiros que voluntariamente se arruinam jogando até ás onze horas da noite, doze mil francos de cada vez, o maximo.

Esta nitida comprehensão dos effeitos do jogo não leva os naturaes de Monaco á ociosidade, á mendicidade ou ao crime.

Para fallar com propriedade,—diz Raymond de Boyer que é ainda d'esta vez o nosso *cicerone*—, em Monaco não ha mendigos.

A assistencia publica está sabiamente estabelecida e regulada por instituições de beneficencia como o Hotel-Dieu e a Sociedade de S. Vicente de Paula, que funcionam sob os auspícios do principe.

Quanto á criminalidade, que é negativa, não resistimos á tentação de traduzir uma pagina do nosso *cicerone*, pagina que tem para nós o duplo interesse de se referir á Republica de S. Marino e ao Principado de Monaco, os dois pequenos estados por onde começamos esta serie de artigos.

Um dia, em S. Marino, o marquez de C... , que tem um dos mais illustres appellidos da França, depois de visitar, na companhia de *touristes* seus amigos, o interessante ninho de aguias onde, ha quinze seculos, se abrigam a simplicidade de costumes e a sabia liberdade dos tempos antigos, quiz visitar a prisão da Republica.

Indicaram-lhe uma casa que em nada se distinguia das outras. Chegando á porta, o marquez de C... agitou violentamente a campainha; atraído por esse carrilhão estridoroso, um homem correu esbaforido de um campo proximo, com uma pá na mão. «Queremos visitar a cadeia.» O homem tirou uma chave da algibeira e introduziu os visitantes n'um edificio cujo interior tinha a honesta apparencia de um caseirão de quinta. «E' a cadeia; muito bem. Mas os presos?» Então o homem da pá, coçando a orelha, respondeu ao marquez de C... e aos seus amigos: «Graças a Deus, os prisioneiros, ou antes, o prisioneiro sou eu. Já cumpri a minha pena ha muitos annos, mas obtive licença para ficar aqui, e occupo-me em cultivar as terras dos visinhos.» Elle era ao mesmo tempo carcereiro, chaveiro e prisioneiro.

A historia d'este homem de S. Marino, observa De Boyer, pode applicar-se, com pequena differença, á prisão de Monaco, porque a casa de detenção, contigua ao tribunal, está quasi sempre vazia.

(Continua)

ALBERTO PIMENTEL.

## A SOCIEDADE DE S. PETERSBURGO

CARTA I

### O imperador da Russia

Poucos soberanos subiram ao throno rodeados de tantas e tão commoventes sympathias como aquellas que elevaram ao poder Alexandre III.

Independente dos tragicos successos que assignalaram a morte de seu pae e agruparam em torno d'elle os que se temiam da obra dos revolucionarios, existem ainda outros poderosos motivos que fizeram uma explosão de jubilo d'essa coroação.

Toda a gente: aristocracia, povo, exercito, burguezia, sem distincção de castas nem de pessoas, estava fatigado do regimen que pesara, durante vinte annos, sobre a nação.

A mão, que a principio fora leve demais, tornara-se excessivamente pesada.

O soberano da Russia não déra o que promettera, nem cumprira o que projectara.

O reinado de Alexandre II, tão brilhante no seu advento, obscurecera-se pouco a pouco; a sua morte sangrenta foi o epilogo do geral descontentamento, que não lavrava só entre os anarchistas, mas que penetrava, mais ou menos, todas as classes da sociedade.

A revolução da Polonia, a guerra do Oriente, o tratado de Berlim, o nascimento do nihilismo, taes foram os funestos acontecimentos que minaram paulatinamente a popularidade do monarcha, cognominado o czar libertador.

Depois de uma vida de incertezas, de hesitações, de planos esboçados; depois de uma existencia partilhada entre o receio e os escrúpulos, salteada pelas boas intenções e os rancores, Alexandre II acabou por perecer miseravelmente ás mãos d'esse mesmo povo, que não fóra arrancado a parte das misérias que o perseguiam, senão para soffrer outras bem mais pungentes.

Quando a catastrophe de 23 de março fez tremer a Russia, manifestou-se, em geral, mais horror oelo crime do que piedade pela victima.

O imperador não era amado, e aquelles que de perto o tratavam inquietavam-se com os acontecimentos que inevitavelmen-

te se teriam seguido, a annunciar-se officialmente a sua união com a princeza Jounriewski.

Os patriotas exprojavam-lhe o seu procedimento na guerra do Oriente e a sua submissão á influencia allemã; os panslavistas desconfiavam; o exercito não lhe perdoava a sua recusa de o deixar apoderar-se de Constantinopla, arvorando a cruz sobre Santa Sophia.

Póde, sem receio, asseverar-se que o que salvou a memoria de Alexandre II da publica execração, foi o seu fim espantoso e a consternação que se lhe seguiu.

Uma unica cousa pareceu sobreviver por um instante a este desmoronamento, foi a esperanza que os amigos do grão duque herdeiro depunham n'elle, suppondo que lhe estaria reservada, de um dia para o outro, uma grande popularidade.

Alexandre III não conquistou essa popularidade. O imperador não é o homem das multidões.

Natureza franca, recta, honesta e leal, Alexandre III possui todas as virtudes do homem particular, incompatíveis, por vezes, com certas qualidades do soberano.

Desconfiado, o que é natural, o imperador receia ser dominado por uma influencia interesseira, e diligencia informar-se de todas as particularidades da politica governamental. O principe não prevê as consequencias que podem resultar de um facto ou de um cousa; mas possui a tenacidade, a obstinação e a coherencia nas idéas.

A sua intelligencia, os seus conhecimentos, são mais desenvolvidos do que em geral se pensa, embora o principe não os queira testemunhar. Feito de uma só peça, como se diz em França, o imperador não transige de nenhuma forma com o espirito da sua epocha, nem admitte a menor contemplação com o principio autocratico que representa. A sua maior virtude, isto é a sua inexcedível honradez, é nociva ao imperador, visto que o impelle a rodear-se de pessoas irreprehensíveis, mas insufficientes como valor politico.

Alexandre III estudou tanto de perto os effeitos das funestas aversões que assignalaram o reinado de seu pae, que esse facto provocou n'elle um horror instinctivo contra aquelles que não abstraem, na direcção dos negocios publicos, de um appetite pessoal, ou de uma dedicação egoista.

Bastantes homens, que poderiam ser uteis ao soberano, ou ao paiz, foram desviados do poder, em virtude de serem culpados de certos erros, ou mesmo simplesmente suspeitos de fraquezas nas questões do dinheiro.

Poucas pessoas fazem uma idéa approximada da maneira conscienciosa como o imperador trabalha, do cuidado que emprega em examinar todos os papeis que tem de assignar.

Alexandre III preoccupa-se muito com as pequenas cousas, preocupação que é habilmente explorada pelas pessoas que o rodeiam e pelos seus ministros.

Estes ultimos, deixam-o absorver-se no exame de futeis questões governamentais, ao passo que lhe occultam as grandes, pelo menos no que diz respeito aos negocios do imperio.

Uma especie de muralha da China separa o monarcha de todos aquelles que poderiam transmittir-lhe os votos do seu povo, demonstrar-lhe as suas necessidades, instrui-lo sobre as reformas bemfazejas que elle tem direito de exigir.

Alexandre III teria, se quizesse, innumeradas occasiões para informar-se ácerca do estado dos espiritos e das cousas; mas não as aproveita.

(Continúa)

CONDE PAULO DE VASILI.

## OS EXCENTRICOS DO MEU TEMPO

Estão hoje em moda as recordações do passado. A imprensa estrangeira, com especialidade a franceza, occupa-se a miudo em evocar dos tumulos as sombras dos que lá dormem. A's autobiographias dos homens illustres, ás confissões, ás memorias d'além da campa, vão-se substituindo as recordações dos vivos, as revistas retrospectivas, feitas por elles, dos tempos que passaram.

O «Figaro» por exemplo, publica diariamente, a aprazimento dos seus leitores, as memorias dos dois irmãos Goncourt, e uns outros artigos intitutados «Les disparus», especie de estatistica dos contemporaneos que se retiraram da arena da vida publica, uns para o remanso do lar domestico, outros para o isolamento da solidão e do esquecimento.

Será forçoso que nas recordações dos vivos entrem só os homens illustres pela penna e pela espada, ou pelos episodios accidentados da politica, da diplomacia e do theatro? Não me pare-



NA MACEIRA EM FLOR

ce. Na vida, aparentemente obscura de alguns homens, ha ás vezes traços característicos, que são como os raios, embora amorticados, de um sol do outono, atravessando as nuvens denunciadoras da proxima tempestade. A posteridade não se fez só para os felizes, para os gloriosos, para os potentados. Ha na sociedade individuos, a quem as circumstancias negaram os meios de se evidenciar, mas que nem por isso perderam as feições typicas, originaes, que os distanciaram das multidões.

Fôram perfeitamente uns excêntricos?

A designação é talvez demasiado ambiciosa. A excêntricidade envolve em si a ideia de um modo de vida absolutamente ao avesso do viver commum da mais gente; e os homens de quem vamos fallar não estão n'esse caso. O que elles foram todos, acanhando o epitheto de excêntricos, foram umas boas pessoas, podendo tirar *folha corrida*, mas differenciando-se do vulgo, uns pelas suas aptidões intellectuaes, outros por serem excepção, no modo de viver e de fallar, ás prescripções que a sociedade impõe como norma aos que vivem e morrem sem terem dado por isso. Do burguez que come, bebe, contrae matrimonio, ouve missa, faz a barba, e morre passados os cincoenta annos, não ha mais nada a dizer senão isto mesmo; ou para variar, inverter contra a logica a ordem dos acontecimentos, fallando de tão estereis existencias. Os herces pedem Plutarchos. Os modestos, os ignorados que por momentos nos alegam as horas, ás vezes aborrecidos da vida, merecem algumas linhas de commemoração, que se não encabeçam em necrologio nem coisa que cheire a cemiterio.

E' o que nós vamos fazer :

### Bernardino Martins da Silva

*A tout seigneur toute honneur.* Foi quasi um homem de letras, o galhofeiro a que nos referimos; um galhofeiro despertencioso, meio sceptico, completo homem de sociedade na apresentação e no trato. Bernardino Martins foi um elegante, bem posto, irreprehensivel no vestir, e de uma graça picante, original, verdadeiramente portugueza. Fôra addido á nossa embaixada em Paris, e de lá trouxera a monomania do *bric-à-brac*, que conservou até ao fim da vida, apesar das suas grandes difficuldades pecuniarias nos ultimos tempos.

A habitação de Bernardino Martins era um muzeu de curiosidades artisticas, e os seus jantares, limitadissimos no numero dos convivas, de um apuro culinario a causar inveja aos abastados dos bens da fortuna. Não ha colleccionador que não tenha uma predilecção especial por uns objectos de preferencia a outros. Bernardino Martins tinha uma verdadeira paixão pelas bengalas e pelos relógios d'algibeira, e ficava alegre e satisfeito quando alguém lhe elogiava um relógio, esmaltado á Luiz XV, ou uma bengala á Directorio. Discreto na apreciação das suas antigualhas, não fazia alarde d'ellas, contentando-se em as apresentar como complemento do seu bem estar domestico, e de homem solteiro.

Quando principiei a conhecer Bernardino Martins, ahí pelos annos de 1846 a 1847, era elle já um homem maduro, e um *diletanti* da politica revólta d'aquelle tempo. Entrára nas lides politicas da imprensa em 1836, fazendo parte da redacção do *Diario do Povo*, de que era redactor principal Claudio Adriano da Costa, vulgo, o *Soneira*. Apesar de todos os esforços empregados, Innocencio da Silva não logrou colher outras informações acerca de Bernardino da Silva, não fazendo menção do seu nome senão no volume primeiro do supplemento ao *Diccionario Bibliographico* e por incidente no volume VII, quando se referia ao *Supplemento burlesco do Patriota*, de que elle fôra o chistoso redactor desde 1847 até 1848, incommodando o governo d'aquelle epoca com satyras pungentes e caricaturas que nunca erravam o alvo. Perseguido pela policia, passou o *Supplemento burlesco* a ser impresso em meias folhas, continuando a sua publicação até 9 de abril de 1853.

O auctor das caricaturas era geralmente conhecido pela designação do *pinta mônos*, com que o proprio redactor do *Supplemento* chrisâmara o seu collaborador.

Não me recordo n'este momento do nome do *Pinta Mônos*, mas só de que era um rapaz triste, doentio e já então em principio da phytica pulmonar que mais tarde o levou á cova.

Bernardino Martins era amigo particular de José Estevão, de Sampaio e do Leonel Tavares, e se a memoria não me falha esteve preso na cadeia do Limoeiro com o primeiro dos tres, e com o editor do *Patriota*, Manuel de Jesus Coelho, o mais convicto dos politicos que tenho conhecido.

A publicação do *Supplemento burlesco* tornou popular o nome de Bernardino Martins, alás já conhecido pela sua infinita graça, e pela naturalidade com que contava alguns episodios da sua vida, entre elles uma viagem que fizera á Hespanha, narrativa que podia hombraear, pelo tom humoristico, com o que se tenha escripto de melhor n'este difficil genero.

Em 1836, Bernardino Martins pertencera á guarda nacional, como official. Contava elle que um dia, commandando a guarda do palacio d'Ajuda, e custando-lhe a ir tão longe a pé, alugára um bote, e levára a guarda de que era commandante embarcada até Belem, seguindo depois militarmente a pé o seu itinerario. D'outra vez, commandando tambem uma guarda, foram-lhe os sol-

dados pedindo licença pelo caminho, este para ir almoçar, aquelle para ir dar um recado á familia, aquell'outro para ir comprar cigarros, dando tantas licenças em resultado o chegar elle só com um tambor e um pifano á outra guarda que ia render, negando-se o commandante d'esta a dar por findo o seu serviço, valendo este desaguisado a Bernardino Martins a demissão do posto que tinha na guarda nacional.

Já em annos que não deviam ser para folias, Bernardino Martins, que nunca fôra um choramigas, apaixonou-se pela Theresinha, uma formosa e sympathica rapariga que nunca fôra modello de constancia semi-conjugal. Como a sua homonyma, cantada por Espronceda, a Theresinha mereceu a Bernardino Martins os maximos desvelos, mesmo quando—pungente ironia da sorte! se viu tolhida de todos os movimentos, e condemnada a passar entevada o resto dos seus dias.

Quando nasceu Bernardino Martins, o impagavel conversador? Nunca o soubemos. Em que anno morreu?

Tambem o não podemos jurar, ficando ainda, portanto, incompleto o *Diccionario Bibliographico*, no pequeno artigo em que se refere ao gracioso e intrepido redactor do «*Supplemento burlesco do Patriota*.»

### A Actriz Barbara

Há mais Marias na terra.

A actriz Barbara, de que se trata n'este esboceto, não é uma que ainda hoje representa papeis... como havemos de chamar-lhes? Ah! sim, todos os papeis que as primeiras damas não acceitam, e vão, por exclusão de partes, parar-lhe á mão.

A actriz Barbara de que vamos fallar pertenceu á companhia do antigo theatro do Salitre, de que faziam parte umas outras actrizes muito desconthavadas physicamente, e de uma incrivel pelintrice intelluctual, entre outras umas manas Arsejas, (Candida e Maria) dois provados antidotos contra o terceiro dos peccados mortaes.

Os homens ainda valiam menos, a ser possivel valer menos que as manas Arsejas. O mais sabido da *troupe* era o Ferreira, um berrador encartado, e o Victorino Cyriaco da Silva, o homem-mulher, tão fememilmente se banboleava na scena, tantos e tão delambidos eram os requebros do marmanjo, que depois veio a representar, profanamente, papeis de bispo e de alcaide, em competencia com o vermelho Meirelles, que arrematára os papeis do mesmo genero, e veio a dar em ser pau para toda a obra no theatro de D. Maria II.

Não foi porém no Salitre que eu conheci a Barbara, mas sim já no theatro da rua dos Condes, dialogando com o Sargedas, o Lisboa, e o Matta, simplesmente Matta no theatro, Matta Castelhanos na taboleta da sua loja de sapateiro, á esquina de uma das travessas dos arruamentos da cidade baixa.

Porque rasão se appellidava Matta-Castelhanos, o sapateiro-actor?

Não tendo tido em tempo a curiosidade de lh'o perguntar, torna-se-me já agora impossivel desvendar o mysterio de tão archeologico appellido, digno de ser tomado em especial consideração pela Commissão Central 1.º de Dezembro de 1640.

Mas voltemos nós á actriz Barbara, uma das poucas reliquias theatraes do seculo passado, que eu conheci. Era uma mulher gorda, feia e de uma notavel desenvoltura de lingua. Apresentava-se nos ensaios vestida de chita, com um grande lenço pelos hombros, pregado e repregado á antiga portugueza, e na cabeça uma manta de algodão, ou um velho chapéu deformado pelo tempo. A velha Barbara tinha muita graça natural, que ella exaggerava a contento das platéas, salgando as mais innocentes phrases, e encaminhando-as no sentido da obscenidade. Se lhe perguntassem o que era a arte, cairia da lua. O segredo da sua popularidade estava no *naturalismo*, um naturalismo a seu modo, maldoso, carregado, atirando para obsceno. Ainda me recordo de a ter visto nas «*Proesas de Richelieu*» representar o papel de duqueza de Noailles. A Barbara duqueza de Noailles! Vinha estapafurdidamente vestida, trazendo na cabeça umas enrmes plumas, que lhe davam ares de cavallo de cortesias. N'um dialogo com o duque de Richelieu (a inolvidavel Emilia das Neves) a duqueza de Noailles, fallando do seu defunto marido, dizia cheia de saudade comica, que quando elle tinha dezoito annos «era magnifico...» isto com tão garôta intonação, que as platéas não sabiam resistir á gargalhada, embora a intenção do auctor tivesse sido muito diversa da que lhe dava a popular actriz.

A Barbara foi, no genero comico, a representante mais directa que eu conheci das facecias do velho repertorio portuguez do seculo passado. A sua herdeira foi a Delphina Rosa do Espirito Santo, que por tantos annos deleitou o publico do theatro de D. Maria II, e da Trindade, mas seguindo já um ramo mais apropriado e decente.

Na velha tecnologia theatral chamavam-se papeis de *lacaia* aos do genero da actriz Barbara, e talvez por isso ella julgasse indignas de si a correcção na pronuncia, e as maneiras decentes que no theatro se exigem, mesmo dos actores do baixo comico.

Perguntem ao Tabora e ao Valle, se isto não é verdade.



### João Eduardo Castellani

Que vida a do Castellani! Que de anedoctas curiosissimas, que de peripecias, que desencontrados reviramentos da fortuna!

O Castellani, que muita gente que ainda vive conheceu, foi um homem verdadeiramente feio, não d'essa fealdade viril, característica, de que nem as mulheres pedem contas ao homem, mas d'essa fealdade que dá vontade de ser desagredado a Deus, e de embirrar com o proximo.

De estatura abaixo do vulgar, magro e um pouco zombo das pernas, Castellani tinha um andar gingão, afadistado, que a natureza lhe dera, e para que elle não posera nada de sua casa.

A côr do cabello era a de entre castanho e loiro, e a do bigode litteralmente côr de laranja. De origem italiana, dizia-se que filho de um corista de S. Carlos, do tempo do conde de Farrobo, fallava pessimamente a lingua materna, e o portuguez e o francez approximadamente como o italiano. Nem eu, nem ninguem soube nunca como Castellani passara a infancia, nem os primeiros annos da adolescencia.

Quando eu era rapaz, já Castellani era um homem feito, e mettido n'uns negocios exquisitos, de que nunca pude ao certo saber o alcance, apurando apenas que fôra socio, empregado, ou corrector de um homem que tivera uma fabrica de velas de stearina n'um torreão que ainda hoje existe no descampado de Valle de Pereiro.

Por esse tempo encontrava eu Castellani todos os dias, sobrando um volumoso pacote cuidadosamente envolvido n'um lenço de seda. Atrevi-me um dia a interrogar-o e disse-me que eram as fôrmas de zinco em que se vasava a stearina da fabrica e que elle andava vendendo a retalho. Contava-se por esse tempo que Castellani fôra ao escapar soldado do exercito de D. Miguel, e um amigo que fazia epygrammas cortantes, acrescentava ser Castellani o unico homem que elle conhecera que *sentára praça obrigado e desertára voluntariamente*.

Tambem se dizia, não garanto a veracidade do facto, que o nosso amigo (era-o de todos os homens de letras d'aquella epocha) trabalhara na praça de D. José Serrate, no Salitre, não como acrobata, nem polichinello, mas como simples utilidade artistica, o que provocara de um de nos a brincalhona affirmativa de que Castellani fôra *pata dianteira de um dos elephantes, que atacára a praça de Dio*, n'uma das pantomimas historico-phantasticas de D. José Serrate.

Creio não ter sido verdadeira esta lenda, embora Castellani, forçado pela necessidade de viver, se alliasse facilmente a qualquer explorador que a Portugal viesse dar curso ás suas artimanhas.

Assim foi que Castellani apresentava annos depois, no theatro de D. Maria II, um pantomimeiro, possuidor de dois magnificos cães do Monte de S. Bernardo, por elle amestrados, e protagonistas de um drama em que os dois generosos animaes salvavam todos os actores e actrizes do theatro de serem soterrados no gello. A escriptura do homem devia ser assignada pelo Epiphanio, que não sabia francez, e que chamou Mendes Leal em seu auxilio para tomar conselho com elle sobre o caso. O negocio não foi por deante. O homem exigia comedorias para os cães, e punha clausulas tão inadmissiveis, que o publico ficou privado de ver dois irracionaes invadirem sem cerimonia os dominios do theatro denominado normal.

Por este tempo Castellani travara amizade intima com Rebello da Silva, que entendeu dever dar-lhe um modo de vida permanente e fixo, destinando-o a typographo e começando desde logo e ensinar-lhe grammatica, sem proveito, porque apesar do bom mestre, o discipulo deixou-se ficar pelo verbo amar, que conjugara tanto quanto o physico lh'o permitia.

Um bello dia apparece Castellani fardado de soldado de cavallaria n.º 4, ainda por industria de Rebello da Silva, que de novo destinava as armas o pupilo que tão pouca propensão mostrava para as letras. Poucos mezes durou a transformação. O recruta teve saudades da sua antiga liberdade e deu baixa continuando a alargar a área das suas relações, sendo protegido pelo Visconde do Pinheiro e pelo Bernardino Martins, de quem foi mensal até o fim da vida d'este.

Tempos antes, Castellani tomara conhecimento com um francez que dizia e queria provar que dava direcção aos balões, faltando-lhe apenas uma sala espaçosa para engendrar o seu aereostato, e depois, um edificio adequado á ascensão, porque preciso acrescentar que o balão subia em liberdade... preso por cordas que o retinham cá n'este mundo subllunar. O balão foi pintado em S. Carlos, com auctorisação de Ramboi e Cinnatti, e a experiencia teve logar n'uma igreja velha do largo da Annuuciada, com descrença absoluta e franca dos espectadores, que viam o balão andar a jogar as marradas pelas paredes do templo, com mais pronunciadas tendencias para descer do que para resolver o problema da navegação aerea.

Somos chegados a 1851. O marechal Saldanha tinha-se revolucionado, e estava em Coimbra esperando noticias confidenciaes de Lisboa, para saber ao certo que rumo havia de levar.

Ignora quem escolheu o Castellani para levar ao Marechal os despachos que elle esperava. O que sei é que o Duque de Saldanha, que foi toda a sua vida um mãos rotas, querendo galar-

doar o emissario, e não se atrevendo a nomeal-o bacharel, como já fizera a um amigo que nunca passara por Coimbra, despachou o Castellani... alferes de cavallaria.

Estava cortado o nó gordio. O destino, que já duas vezes impellira Castellani para a milicia, confirmara-lhe a vocação pondo-lhe á cinta a banda d'alferes, empurrando-o a tenente, e dando-lhe direito a reformar-se em capitão.

Uma filha que Castellani tivera de uma mulher com quem vivera maritalmente, morrera-lhe. Começou então a soffrer da nostalgia do isolamento, a sentir-se mal, a desconfiar que não podia ser eterno. Recolheu-se ao hospital da Estrella. Fômos lá visital-o. Castellani, que sempre fôra uma fraca figura, tinha minguado a tal ponto, que era difficil dar com elle dentro da cama. Era tratado como um principe, mas um fastio mortal não o deixava saborear os acepipes que elle proprio reclamava do enfermeiro.

Poucos dias depois da minha visita, Castellani morria. Como não tinha familia nem quem se interessasse por que lhe fossem feitas as ultimas honras militares, o seu funeral foi ultra-moderato. Os conductores do caixão, o coveiro... e mais nada!

(Continúa)

L. A. PALMEIRIM.

## AS NOSSAS GRAVURAS

O EXPLORADOR FRANCEZ, PAUL SOLEILLET

Noticiam-nos os jornaes estrangeiros que acaba de fallecer em Aden este illustre explorador francez, victima d'uma enfermidade contrahida nas suas peregrinações africanas.

Paul Soleillet nascera em Nimes, a 25 de abril de 1824, e era um dos tres europeus que conseguiram penetrar no oasis d'Ia-Calah. A sua viagem no Sahara, ha treze annos, foi classificada, por este facto, entre as mais ousadas explorações. Antes d'elle, só tinham logrado penetrar no oasis o commandante inglez Laing (1826) e o allemão Rolhfs.

Soleillet acariciara, depois d'isto, o projecto de atravessar o Senegal passando por Tombouctou, até á Alegria, mas a autoridade franceza n'aquella região não lhe permittio que levasse por diante o seu intento.

De regresso á França, pensou em abrir o Choa ao commercio francez, e partio para Obock, onde arvorou o pavilhão tricolor: depois, quando a França tomou posse effectiva d'aquelle ponto, o intrepido explorador dirigio-se á residencia do rei Menelik, mostrando-lhe as vantagens que para elle adviriam de abrir relações com os negociantes francezes do mar Vermelho. Soleillet conquistou, pela sua lealdade e energia, a confiança do rei Choa, e fez, n'estes ultimos annos, muitas viagens do interior do pequeno reino abyssinio á costa, a fim de realisar importantes operações commerciaes.

Paul Soleillet era um verdadeiro obreiro da civilização. A sua morte representa uma perda enorme para a sciencia geographica.

### TUMULO DOS BOMBEIROS DE LISBOA

A nossa gravura representa o tumulo mandado erigir no cemiterio occidental pela briosa e prestante corporação dos bombeiros de Lisboa para os que se consagram desvelados a salvar, no momento do perigo, os haveres das familias e as vidas em risco.

O monumento tem em geral a fôrma de uma campá, a que pela sua modestia, mais poderia convir á corporação a que era destinado.

A sua altura é de 4,99.

E sobre esta campá rasa avulta um montão de fragmentos ou ruinas de edificios incendiados, peças de madeiramento carbonizadas e deterioradas pelo fogo.

Na frente vê-se uma almofada com o seguinte singelo epitaphio: *Tumu'o dos bombeiros de Lisboa.*

Mais superior a esta almofada, está uma caveira com duas tibias sobre um bocado d'asna carbonizado, que faz parte do grande montão de ruinas.

Por detraz d'esta, e ao centro da campá, eleva-se uma cruz formada de dois pedaços de barrotes carbonizados pelas extremidades; a esta cruz allia-se, seguro pela espia, o *tropheu*, symbolo da corporação, que se compõe da ferramenta com que se servem os bombeiros nos incendios, escada de salvação, agulheta, machado; e seguram estas peças a espia que as liga á cruz.

Sobre o tropheu está o capacete pertencente ao uniforme.

Na parte superior da cruz, ha uma corôa que parece unir os dois pedaços de barrotes que formam o symbolo do martyrio.

O mausoleu é de pedra lioz de primeira qualidade e todas as



SACERDOTES BUDDHISTAS DO CULTO INDICO

peças de que se compõe são de tamanho natural, o que tornou bastante difficil a execução.

A grade de ferro fundido que véda o mausoleu é formada de machados e agulhetas de diversos tamanhos e typos.

As sepulturas são subterraneas, tendo em geral a fórma rectangular.

A disposição dos logares para caixões é feita per fórma que admite 36 cadáveres, cabendo além d'estes, aproximadamente, 150 pequenos caixões, para receberem os despojos mortaes das trasladações.

#### NA MACEIRA EM FLOR

Não é facil acertar com a razão porque aquella gentil camponeza se foi trepar aquelle ramo. Que estranho capricho seria o seu? que devaneio a levou ali? seria o desejo de se vér assentada n'um throno de flores? ou seriam recordações de annos mais descuidosos que não volverão nunca? saudades d'aquelles dias alegres da infancia, breves e fugitivos, cuja memoria se não apaga jámais no decurso da vida? Saudades d'aquelles dias em que ella corria no campo atraz das borboletas, tecia grinaldas de boninas, escallava as arvores em demanda de ninhos?... E quem sabe?... talvez que a razão fosse muito outra. Descobre-se d'ali um horisonte mais vasto do que do eirado da sua casinha branca. Vê-se de lá a fonte que a vista não alcança d'aqui. A fonte é, no campo, o logar aprasado para as entrevistas dos namorados, e a nossa gentil camponeza escolheu aquelle posto de atalaya, porque o ciume remorde-lhe o coração. Suspeita que é traída e quer desenganar-se. Está, pois, de atalaya. Espera anciosa o momento decisivo. O que lhe trará elle? uma desillusão? Talvez. Se lh'a trazer, poderá ser a primeira da sua vida, mas não será de certo a ultima.

#### SACERDOTES BUDDHISTAS DO CULTO INDICO

Os bonzos ou sacerdotes do rito buddhista antigo, representados na nossa gravura, usam a cabeça completamente rapada; como cobertura da mesma, trazem uma especie de solideo de setim preto. A sua tunica é cinzenta, com um collete preto que se cruza sobre o peitilho.

Os bonzos não podem casar. Ha uma pena de oitenta bastonadas para aquelle que infringir esta lei, e o criminoso é expulso da ordem. O individuo que lhe deu uma parenta em casamento, soffre igual pena; a mulher é reenviada para a familia e os presentes de nupcias são confiscados pelo governo.

Todos os sacerdotes da communidade, se fôram cúmplices, estão sujeitos á mesma pena corporal.

Além d'isto, o bonzo que continúa a visitar seu pae e sua mãe, a fazer sacrificios pelos seus antepassados e a trazer luto pelos parentes mortos, como se não tivesse renunciado ao mundo, está condemnado a levar cem bastonadas e a abandonar a sua ordem.

Taes são as provas d'atención que o governo chinez se digna conceder ao culto buddhico do rito antigo. O publico não lhe presta maior consideração.

Quando um templo cae em ruinas, os bonzos esperam muito tempo que as esmolas produzam o dinheiro necessario para a sua reconstrucção. Por isso muitas vezes, á beira das estradas, os miseros sacerdotes pedem esmola a quem passa.

#### UMA VISTA D'ARKHANGEL

Arkhangel, cidade russa sobre a Dvina, é um montão d'armazens agrupados em volta d'uma grande quantidade de torres, de cupulas e de zimbórios. Imagine-se ao longo d'um largo rio sombrio, um vasto pantano aqui e ali salpicado de pequenas ilhas d'argila; ergam-se sobre estas elevações edificios ornamentados de fresco, encimados por cruces e por cupulas; encha-se o espaço que separa egrejas e conventos com estacadas e palissadas, de forma a reservar uma superficie bastante para jardins, ruas, pateos; abram-se duas largas ruas, estendendo-se n'uma distancia de tres ou quatro milhas, desde a igreja chamada a *Esposa de Smith* até ao mosteiro de S. Miguel; pintem-se os muros dos edificios religiosos, de branco, as cupulas e zimbórios de verde ou azul; cerquem-se as casas de jardins sem muros; ponha-se a cada janella um geranio, uma fuxia, um loureiro rosa; deixe-se crescer a relva por toda a parte nas ruas, nas praças... e ter-se-ha Arkhangel.

A meio caminho do mosteiro, no bairro *Esposa de Smith*, sobre os monticulos d'argila de que já fallamos erguem-se, em grupos pittorescos, os edificios publicos; a cathedral, a casa da camara, o tribunal, o palacio do governador, o museu, tudo recentemente construido; de maneira que, as vivas côres com que são exteriormente pintados, ostentam ainda todo o seu brilho. As collecções do museu são pobres; os dourados da cathedral são d'uma

grande riqueza. Vista de longe, com as suas torres esguias, bem lançadas, e com os seus zimbórios, Arkhangel tem mais o aspecto d'uma cidade santa do Oriente do que o de uma praça commercial de primeira ordem.

Todavia, é este porto o unico verdadeiramente russo.

A nós, europeus do Occidente, Arkhangel pôde-nos parecer excessivamente sobrecarregada de zimbórios e de torres, assim como o delta está pejado de cruces; o que para nós lhe dá importancia são os seus immensos armazens de cereaes, d'alcatrão, de madeiras e de pelles; mas para os habitantes, Arkhangel é o domicilio do archanjo, o porto onde embarcam os peregrinos que vão a Solovetsk, uma porta para o céu.

## EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

### Charadas

ELECTRICAS

A's direitas rio, ás avessas adorno—2.  
A's direitas rio, ás avessas madeira aromatica—2.

Abrantes. JOAQUIM AUGUSTO CORRÊA.

### EM QUADRO

Eis aqui o requestado	—	—	—	—
De rapariga famosa,	—	—	—	—
Que a furtar foi encontrado	—	—	—	—
A dama cavalheirosa	—	—	—	—

A. MERUJE.

### CHARADA CONIMBRICENSE

(Ao ex<sup>mo</sup> sr. J. dos Reis Castiço)

Bem te podes esconder  
Entre o reino vegetal;  
Porque arbustos só encontras  
Na primeira vertical.

Na segunda vertical  
Meu amigo, encontrarás  
Um animal brasileiro,  
E depois tu m'o dirás.

Pôde ser de geographia,  
Se procurares attento  
Na primeira horisontal:  
—Serve-te de reg'lamento.

Quando fores a caçar,  
Costuma a lebre sabir  
Da segunda horisontal;  
Mas, tu não deves fugir.

Tem cautella... em vez da lebre  
Talvez salte este animal;  
Então, em vez d'atirares,  
Busca a prima diagonal.

Este, por mais que lhe batas,  
Não se lança á tua pessoa;  
Na segunda diagonal  
Entra logo, por ser boa.

Covilhã. ANTONIO R. BRANCAL.

### Logogripho

Sendo elle alimento,—4, 8, 6, 7, 10, 9, 3.  
D'algum toleirão,—4, 10, 1, 3, 2, 5, 1, 8.  
Muitos sacerdotes—4, 5, 9, 2, 8, 6, 7, 10, 9, 3.  
Dizem que é porção,—1, 8, 6, 7, 10, 9, 5.

Por mim nada digo,  
Não faco questão:  
P'ra que suscitar  
Maior confusão.

MATHEUS JUNIOR.

## Problema

Suppondo que as rodas de diante d'uma viatura, que percorre 2730 metros, fazem 392 revoluções mais que as de traz, e que a differença entre os numeros de revoluções se reduz a 325, quando se augmentam 3 decimetros ás circumferencias das 4 rodas; qual é a circumferencia de umas e outras rodas?

MORAES D'ALMEIDA.

## Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Gilboa—Argala—Calvario—Tresmalho—Tattú—Cado—Papu.

DAS CHARADAS EM VERSO:—Margarita—Mangabeira—Caballino.

DO LOGOGRIPO:—Hegira.

DO PROBLEMA:—43 annos, isto é, metade de 86.

DO ENIGMA:—Ao recebermos uma bofetada d'um homem, o nosso primeiro impulso é de raiva, e atiramo-nos a elle: recebendo-a d'uma mulher, ficamos logo desarmados e temos compaixão d'ella.—Janer.

## A RIR

N'um dos ultimos dias chuvosas, *bébé* perguntou á mamã d'onde vinha a chuva.

—Das nuvens, respondeu-lhe ella.

—Ha então, muita agua nas nuvens?

—Certamente.

—N'esse caso,—tornou *bébé*—o Pae do Ceu deve-se molhar muito, se não tiver guarda-chuva!

## UM CONSELHO POR SEMANA

O melão é um fructo delicioso, mas determina muitas vezes certos desarranjos intestinaes, bastante desagradaveis.

A fim de neutralisar os seus effeitos laxantes, devemos polvilhal-o com uma pouca de pimenta, podendo depois comel-o sem inconveniente.

Pode-se tambem regar as talhadas do melão com algumas gottas de rum, para que elle não resfrie as paredes do estomago.

## OS SALTIMBANCOS

Tudo era festa na villa, arcos de buxo por toda a parte e garhardetes ondeando á brisa solta da manhã. O sol inundando a casaria, semeada entre a folhagem verde. O rapazio *sans-culottes*, avolumando o *brouhaha* geral. Repiques de sinos muito espalhafatosos, galgando o espaço em ondas sonoras, como uma benção papal soltada *urbi et orbi* pelo summo pontifice, da varanda do Quirinal em tempos idos.

No seu altar, muito fofo de orago da freguezia, o Senhor S. José, todo rodeado de flores, cirios e vasos de porcelana fingida. No pavimento, junco, rosmaninho, incenso verde e alecrim do norte. Toda a fabrica muito caiada. No corpo da igreja os fieis devotos. No altar-mór os tres padres da missa, todos cobertos de ouro e rendas brancas. Nos bancos estofados de carmezim onde elles se sentam, as respectivas caixas do rapé e os indispensaveis lenços d'Alcobaça como uma insignia representativa da velhice pachorrenta e egoista e de meio seculo de somno.

No momento em que o sachristão pela decima vez trepava á torre, a arrancar do bronzeo ventre dos sinos os ultimos repiques, ouviu-se como uma peça d'artilheria, seguida de um estrondo inclassificavel na escala da harmonia e nos dominios do som. Era uma philarmonica ainda mais irritante do que as suburbanas no dia primeiro de dezembro.

Vinha a ser uma companhia de saltimbancos que dava entrada triumphal na villa, ao som de zabumba, pratos, clarim, cornetim, clarinete, trombone e ferrinhos. Uma tremenda orgia musical.

Os camponeos impavam de satisfação. Os mesarios da irmandade e ao mesmo tempo, festeiros do arraial e tasqueiros, olhavam de soslaio para a multidão compacta que enchia a pra-

ça da villa e avaliavam *in pello* a porção de pipas de vinho que esse entusiasmo ia custar ao povo.

Os saltimbancos haviam sido contratados pelos astutos taberneiros, para trabalharem de graça em publico. Era o cumulo da grandeza pharaonica. E só a devoção—certamente que só a devoção—seria capaz de ter inspirado aos mandões da villa e taberneiros locais, uma idéa tão altruista.

O chefe da *troupe* era o Victor, o famoso *jong'eur* que se intitulava o *Rei dos tambores* pelo facto de rufar em sete caixas dispostas em bateria infernal e convenientemente graduadas. Acompanhava-o sua esposa, acrobata de fama, e os sete principes seus filhos, todos gymnastas consummados.

Trazia o Victor na sua companhia uma joven artista de quinze annos, que havia comprado em pequena a uns ciganos e que era funambula. Era um prodigio de formosura, graça e arte. Os seus pesinhos calçados de setim rosa, eram muito mais bem feitos e pequenos do que os d'alguns archaños que desalmados estatuarios trabalham para egrejas sertanejas. A perna bem torneada e vestida de malha cor de carne, punha tonturas na cabeça dos rapazes que a olhavam embasbacados, doidos de paixão. O tronco cheio e forte, a cabeça divina, coroada de cabellos negros encaracolados.

Mas o que havia n'esta creatura de extraordinario, era o rosto, de uma belleza provocadora e irritante. Redondo e cheio, tinha todas as opulencias da carne, toda a frescura da mocidade, toda a alvura brilhante e avelludada da pureza virginal. A bocca era um botão de rosa, de um encanto indefinivel no sorrir. Os olhos grandes, pretos, luminosos, de longos cilios parecendo de um tamanho desmedido e de um fulgor estranho, mercê de umas olheiras naturaes, largas, de raça.

Donde era oriunda esta creança? Ninguem o sabia. O Victor suppunha que teria sido roubada em pequena n'alguma aldeia do sul de Hespanha. Era o melhor artista da companhia. Approximava-se porém o momento psychologico em que a pomba levantaria o vôo.

\*  
\*

Depois de fazer um discurso ao povo, do alto do carro de viagem, o *Rei dos tambores* traçou um largo circulo com uma corda d'antemão preparada, estendeu no terreno um velho tapete e recolheu-se solemnemente á barraca improvisada no carro, para vestir o seu traje de palhaço.

Momentos depois, entre applausos sinceros da multidão entusiasmada, rolava a *troupe* sobre o tapete em saltos mortaes e todas as figuras mais apparatusas e mais faceis de repertorio gymnastico, ao som das sete caixas de rufo, tocadas furiosamente por sua magestade o *Rei dos tambores*.

A este tempo a praça trasbordava d'entusiastas e o echo dos applausos, vibrados por fortes guelas alemtejanas, ia alastrar-se irreverentemente pelo templo, pondo em debandada os fieis, picados pelo bichinho da curiosidade, com funda indignação dos padres.

Subito, um trovão de gritos e palmas retumbou formidando: era a joven artista, Miss Mary, como lhe chamava o empresario, que fazia a sua apparição.

A graciosa *miss* de contrabando, depois de comprimentar gentilmente a multidão, subiu para cima dos hombros do palhaço e saltou para o *fil de fer*, causando o espanto do respeitavel publico.

Depois de concluir os seus variadissimos trabalhos, desceu, sempre sorrindo, e tomando a bandeja, fez o peditorio do estylo. Viu-se então uma coisa assombrosa: todas aquellas algibeiras hermeticamente fechadas, com a usura propria do camponeo, para todo o genero de generosidade, abriram-se como por encanto, diante d'quella creatura radiante de belleza e mocidade. E os velhos eram os primeiros. Os moços, os que não tinham vintem, fugiam envergonhados. As mulheres, sempre implacaveis, dominadas mau grado seu pela singeleza da joven, resmungavam:

—Mal empregada, coitadinha!

E n'esta phrase, ia toda uma synthese de philosophia pratica. Não havia resistir-lhe. E o olhar da pequena artista ia ateando incendios por toda a parte.

Subito, chegou em frente de um e'egantissimo rapaz, inteiramente desconhecido no sitio e todo vestido de branco e enluvado pelo ultimo figurino. O mancebo, tirando o seu chapeo de palha com larga fita de seda branca, descobriu-se tão rasgadamente diante da pequena como se ella fôra uma rainha. A *miss* tornou-se profundamente vermelha e timida, a bandeja tremeu-lhe nas mãos pequeninas e os seus olhos exprimiram ao mesmo tempo o enleio, a satisfação e a ternura.

O joven, sorrindo, tirou a sua bolsa de prata e despejou-a na bandeja, enchendo-a de moedas de prata alvejantes sobre o cobre já adquirido; em seguida estendeu a mão á joven e quando esta correspondeu ao *shak-hand*, levou a pequenina mão d'ella aos labios e trocou rapidamente algumas palavras mysteriosas.

Tudo isto foi rapido, mas como todos os olhos estavam cravados na *miss*, rebentaram logo os commentarios, e algumas gargalhadas e assobios partiram de varios lados.

Nada d'isto tinha escapado aos olhos de lynce do saltimban-

co, que devia conhecer já o mysterioso admirador, porque avançou resolute e encolerizado para a pequena, dando-lhe uma enorme bofetada, arrancando-lhe a bandeja da mão e empurrando-a brutalmente para o carro.

Nem um grito de reprovação saiu da turba dos grosseiros camponeos para estigmatizar o procedimento cobarde do palhaço; só um homem, o mancebo vestido de branco, de um salto de tigre, transpoz o espaço que o distanciava do saltimbanco e agarrando-o pelos hombros atirou-o ao chão, pondo lhe um pé sobre o peito e exclamando com uma voz poderosa.

—Precisavas que te esmagasse, canalha!

N'este momento, a mulher do saltimbanco e os filhos, quasi nus, precipitaram-se fóra do carro a gritar como desesperados; as mulheres do povo secundaram-n'os, e os camponeos arremessaram-se então para a frente, heroicos, gritando:

—Morra o casaca!...

Então, quatro homens que pareciam creados, de jaqueta preta e cinta, chapeo d'abas largas, calção branco e bota de montar, collocaram-se de costas em semicirculo por detraz do mancebo vestido de branco, armados cada qual com o seu revol-

O saltimbanco declarou que haviam sido amarrados durante o somno, porque nada viram nem ouviram, e que pela manhã ao acordar, lhes fora impossivel gritar por soccorro ou moverem-se; concluindo d'isto, que o motivo porque o amarraram e a toda a familia, seria para dar tempo a que os fugitivos se puzessem a grande distancia da villa.

Perguntado pela auctoridade,—de quem suspeitava—respondeu sem hesitação: que, do individuo que na vespera o insultara no *exercício das suas funcções* de distrahir o povo soberano.

Faltava só uma pergunta capital. Quem era o desconhecido? O saltimbanco conhecera-o na vespera?

O saltimbanco respondeu lesto na sua linguagem ornamentada.

—Aquelle, para mim, não desconhecido, é o visconde de\*\*\* devasso extraordinario e opulento perdulario, que me seguia a pequena como uma sombra. Que lhe hade pôr o sal na molleira e atiral-a para o horrendo tremedal das infelizes; e todavia, seria feliz se fizesse orelhas de mercador e seguisse a vida honesta na companhia de uma honrada familia artistica como é a minha...

—Bem, bem, atalhou o administrador do concelho, assustado



UMA VISTA D'ARKHANGEL

ver. A' vista inesperada d'esta arma, os camponeos recuaram prudentemente até porem-se fóra do alcance. O mancebo, seguido dos creados, retirou-se então serenamente, fulminando com um olhar de desprezo os que lhe ficavam mais perto, e saindo em seguida da villa a todo o galope de cinco possantes cavallos.

A' noite era muito commentado o acontecimento, e todas as notabilidades da terra se davam a perros para adivinhar quem seria o figurão que tão desdenhosamente tratara os naturaes.

Na manhã seguinte, espalhou-se uma noticia espantosa, increditavel, unica. A pequena funambula tinha fugido, e todos os principes, o *Rei dos tambores* e sua virtuosa esposa, estavam amarrados de pés e mãos e amordaçados dentro do real carro-barraca, com manifesta quebra, não só do *direito das gentes*, mas ainda da real prosapia.

Era medonho!

Os infelizes jazeram amarrados no fundo do carro até ao momento solemne de comparecer a auctoridade. E nós sabemos a morosidade pretenciosa de uma auctoridade provinciana. Foi ao meio dia!

Este espectáculo, tambem gratuito, e que nem por sombras tinha lembrado aos taberneiros que mandaram vir a *troupa*, atrahiu bastante concorrência á praça.

com a torrente de eloquencia do *roi du tapis*. Diga-me cá: a pequena é ao menos sua filha?

—Saberá v. ex.<sup>a</sup>, que ella não me é sal nem carne, nem *coisissima* nenhuma, nem...

—Basta, homem! Irral...

E s. ex.<sup>a</sup>, voltando as costas ao saltimbanco, sem cerimonia, tomou o caminho de casa, seguido do escrivão, por entre a turba que se afastava respeitosa. enquanto elle murmurava:

—Ora o viscondel... Que idéal... Uma cigana!...

Ao chegar á porta de casa, subio, despedindo-se do escrivão. Este com um raro tacto administrativo, sabendo que o visconde de quem se tratava, era nada menos do que o filho do governador civil do districto, perguntou finalmente.

—Quer v. ex.<sup>a</sup> que lavre o auto para juizo?

O administrador sem se voltar, sempre subindo a escada:

—Você está doido, homem? Isto é negocio findo...

E entrou em casa.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica